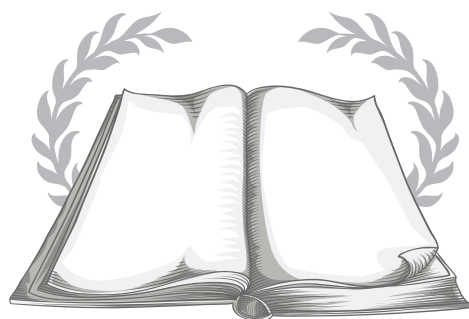


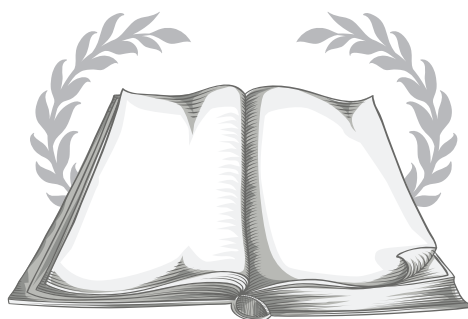


OS SERVIÇOS
CONGREGACIONAIS *da*
IGREJA
DE SCIENTOLOGY

BRYAN R. WILSON, PH.D.
PROFESSOR EMÉRITO

UNIVERSIDADE DE OXFORD
INGLATERRA

8 DE FEVEREIRO DE 2002



OS SERVIÇOS
CONGREGACIONAIS *da*
IGREJA
DE SCIENTOLOGY

OS SERVIÇOS CONGREGACIONAIS *da* IGREJA DE SCIENTOLOGY

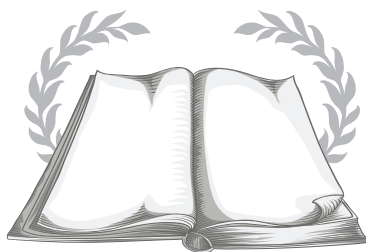
BRYAN R. WILSON, PH.D.
PROFESSOR EMÉRITO
UNIVERSIDADE DE OXFORD
INGLATERRA

8 DE FEVEREIRO DE 2002

- 1 Pediram-me para analisar a forma como os serviços congregacionais são conduzidos atualmente na Igreja de Scientology e para avaliar estes serviços à luz da decisão do Tribunal da Relação em 1970 no caso de *R vs. Registrador Geral ex parte Segerdal*, e, tendo como referência o mesmo critério, comparar os serviços religiosos de Scientology com os de outras confissões religiosas que atualmente têm lugares de culto religioso registados pelo Registrador Geral.

OS SERVIÇOS CONGREGACIONAIS DE SCIENTOLOGY

- 2 A disposição alegre para dar graças que prevalece nos serviços dominicais de Scientology e nas reuniões das sextas-feiras deve ser evidente para qualquer observador.



As reuniões de sexta-feira poderão ser comparadas a uma versão informal do tipo de Reunião de Testemunhos, popular em algumas igrejas cristãs, particularmente nos Estados Unidos, das quais são um exemplo, embora mais tranquilo, ocasiões patrocinadas por todas as igrejas da Ciência Cristã.

- 3 Um serviço litúrgico na Igreja de Scientology é praticamente despojado de imagens, ícones ou outros acessórios auxiliares de culto como os que foram adicionados aos elementos centrais de reverência na tradição cristã. Um emblema significativo é a característica cruz de oito pontas que é representada na literatura autorizada da Igreja. Também é uma característica das vestimentas dos ministros de Scientology, usada como um pendente, mas, fora disso, os símbolos decorativos deste tipo são poucos e são mais usados como crachás e com moderação.
- 4 O Credo da Igreja, da autoria do seu fundador, L. Ron Hubbard, é a linha de orientação para um serviço de Scientology. Este Credo invoca as leis de Deus como conferindo ao homem um número específico de direitos humanos e afirma que estes direitos são sustentados por Deus, com o objetivo de conceder ao homem a liberdade total.
- 5 A característica dominante na realização do serviço de Scientology é a pregação da palavra, que é o foco tradicional do protestantismo americano. Nas Igrejas de Scientology, a palavra não é retirada das escrituras cristãs, mas dos escritos e conferências de L. Ron Hubbard, o fundador da Igreja. O sermão é a ocasião central para a exposição dos ensinamentos deste movimento. O Sr. Hubbard deixou às suas igrejas uma série de sermões, podendo um ministro escolher um deles para o serviço dominical. Às vezes, em vez de um sermão, pode ser ouvida uma gravação do Sr. Hubbard a proferir uma conferência. Sermões preparados antecipadamente não são exclusivos de Scientology: são uma característica de algumas outras congregações religiosas, de que a Ciência Cristã é um exemplo.
- 6 Os serviços terminam com uma oração, que é proferida como súplica para que Deus possa interceder nos assuntos do homem a fim de lhe proporcionar liberdade do aprisionamento material. A dependência de Deus é evidente na medida em que o potencial do homem é concedido por Deus, e é evidente que, ao referir-se ao potencial do homem como semelhante ao de Deus, os scientologists veem o Ser Supremo como a fonte de bem-estar incontestável e o modelo para as suas aspirações. A reverência perante Deus está implícita ao atribuir-lhe autoridade como «autor do universo».

O QUE É ADORAÇÃO?

- 7 Os elementos característicos da adoração, como estipulados na decisão *Segerdal*, constituem uma variedade de reações emocionais, que também são típicas das relações humanas como se manifestam nas relações sociais correntes, mas na adoração, a estas disposições é conferida uma profundidade e uma sacralidade mais intensas apropriadas para uma relação subserviente com uma entidade transcendente, concebida como o Ser Supremo.
- 8 O conceito deste Ser, juntamente com outros conceitos religiosos (e.g. céu, inferno) foi estabelecido pela primeira vez há séculos. Em tempos recentes, o conceito de divindade sofreu uma mudança profunda tanto dentro da tradição cristã como para além dela. É muito menos provável do que era até agora que deus seja visto em termos antropomórficos. No entanto, em contraste com esta evolução de conceitos, a linguagem de adoração e as disposições que ela pretende definir e evocar mudaram muito menos, se mudaram. A linguagem que descreve a adoração continua a pertencer ao foro pessoal. Dada a mudança em conceitos teológicos, a linguagem de adoração tem-se tornado cada vez mais anacrónica. As disposições de veneração, humildade, submissão, louvor e súplica podem ainda ser apropriadas nas relações humanas que se baseiam no contraste entre o soberano e o súbdito, (e podem persistir em forma atenuada noutros contextos menos diferenciados) mas raramente são apropriadas quando a divindade já não é concebida como um «super-homem», mas sim como uma coisa abstrata.
- 9 A maioria dos britânicos acreditam em Deus quando a divindade é descrita em termos gerais mas, quanto à população como um todo, apenas uma minoria acredita num Deus *pessoal*. (A pesquisa do Reverendo Robin Gill mostra que aqueles que acreditam em qualquer tipo de deus, não importa quão ampla e abrangente a definição seja, diminuíram de quatro quintos dos entrevistados na década de 1940 para dois terços na década de 1990: a crença no conceito mais restrito especificamente cristão de um Deus pessoal diminuiu de 43% para 31% no mesmo período de tempo.) Embora os crentes estivessem cada vez mais dispostos a abandonar a crença num Deus pessoal, e a considerar a divindade mais como um espírito, uma força ou um princípio metafísico, a linguagem pessoal de adoração — agora incongruente — persistiu. O facto de isso ter acontecido refletiu a força de que esta linguagem tradicional desfrutou por estar institucionalizada na prática litúrgica e por ser considerada sacrossanta na *mentalidade* das pessoas.

- 10 Nos séculos XIX e XX, uma das principais preocupações da teologia cristã dominante foi desmistificar a religião. Parte dessa reforma levou a que a divindade fosse descrita em termos mais abstratos e à eliminação do imaginário primitivo e antropomórfico, tanto nas representações linguísticas como nas gráficas da divindade. Este processo tem sido seguido mais facilmente na esfera filosófica do que em questões litúrgicas e de adoração, na qual alguns elementos primitivos e não sofisticados têm sobrevivido. A recorrência repetitiva de atos tradicionais e atitudes de adoração tem preservado linguagem personalizada num contexto teológico e filosófico modificado no qual essa linguagem se tornou incongruente e anacrónica.
- 11 Algumas das congregações cristãs inconformistas, sendo menos limitadas pelo uso tradicional, adotaram modos menos pessoais de manifestar a adoração. Os «quakers» não viram necessidade de se dirigir diretamente à divindade. O unitarismo, no século XVIII, despojou a divindade do seu elemento humano, para que Deus pudesse ser visto em termos menos antropomórficos. No século XIX, a Ciência Cristã, unitarista na sua teologia, esforçou-se por resolver a controversa questão de género que perturbava qualquer conceito de divindade como uma pessoa, introduzindo o uso da invocação, «Deus Pai-Mãe», e proclamando sete nomes sinónimos de divindade — Vida, Verdade, Amor, Mente, Alma, Espírito, Princípio, concebidos como qualidades metafísicas abstratas.
- 12 Tendo em conta estes diversos consentimentos tácitos relativamente à inadequada aplicabilidade de atributos personalizados à divindade e a incongruência das formas de adoração que vinham de sociedades medievais, bárbaras e hierárquicas, não é de admirar que os novos movimentos espirituais que emergiram no século XX tenham adotado modos de expressão de adoração e conceções de adoração que mais adequadamente refletiam o espírito dos tempos modernos. Embora inicialmente possam usar a linguagem e os conceitos tradicionais, fazem-no durante uma fase de transição, para abordar os seus prováveis constituintes em termos compreensíveis, até que os novos conceitos tenham sido absorvidos e passado a fazer parte do discurso regular dos membros do novo movimento florescente. Pelo menos durante algum tempo, os membros parecem ser espiritualmente bilingues, à medida que aceitam os mistérios de novas variedades de expressão.
- 13 Há muitas congregações religiosas registadas que não adoram segundo os critérios de *Segerdal*, como se pode ver na tabela abaixo. Pode duvidar-se se esses critérios

são adequados para determinar o que constitui adoração: reverência e veneração são atitudes não raramente concedidas aos mortais — anciões, líderes, modelos, professores. Em tais casos, estas disposições não são consideradas equivalentes a adoração. Na verdade, na Igreja Católica Romana, os santos são venerados e reverenciados, mas as autoridades da igreja rejeitam qualquer sugestão de que isto equivalha a adorar. O teste apropriado do que conta como adoração é a conduta que tem como função o objetivo específico de estabelecer uma relação entre os devotos e o Ser Supremo e tranquilizar os devotos quanto às suas perspectivas de salvação final. Este critério é baseado na função da adoração, e tem o mérito de variedade de formas culturais, é identificável como sendo do mesmo tipo na medida em que busca um objetivo comum. Tal critério admite inúmeras concepções diferentes da natureza da divindade (como deus antropomórfico, lei universal, preocupação suprema, fundamento do ser, força vital, etc.). Oferece um conceito mais abstrato de adoração, daí ser aplicável mais amplamente, e escapa ao chauvinismo cultural e à discriminação religiosa de supor que a forma tradicional e cultural cristã seria o único modelo verdadeiro de adoração e de divindade. Ideias fixas que requerem que a adoração seja corporativa, coletiva, e/ou congregacional; que o Ser Supremo seja um juiz e os devotos, individual ou coletivamente, sejam patifes pecadores indignos, ou pelo menos suplicantes; que os rituais identifiquem os devotos como dependentes, culpados e a necessitar de admitir isso por meio de atos públicos de auto difamação ou mesmo de autoimolação — tudo isto provém de tradições exclusivamente cristãs. Não há nenhum motivo para supor que a adoração e o divino sejam, necessariamente, deste tipo. Além disso, estes valores convivem mal com as orientações da sociedade moderna com o seu individualismo valorizado, a sua procura crescente de atitudes sem juízos de valores, a desconfiança pós-freudiana da motivação da culpa e o ataque à autoridade hierárquica.

- 14 Pode ser necessário ir além disto — uma vez que nem todas as religiões geralmente reconhecidas envolvem crença num Ser Supremo. Assim sendo, se a adoração fosse considerada um componente essencial da religião (uma posição possivelmente duvidosa e problemática), a própria palavra «adoração» teria de ser definida em termos de «práticas concebidas para pôr uma pessoa em comunicação com a realidade espiritual básica». Isso, qualquer que seja a forma, é a função da adoração.

ÍNDICE

AS CONFISSÕES RELIGIOSAS	SUMÁRIO DE PRÁTICAS E CRENÇAS	CRENÇA NUM SER SUPREMO?	A ADORAÇÃO DE ACORDO COM OS CRITÉRIOS DE SEGERDAL?
A Escola Sankhya do Hinduísmo	Um sistema de crença, não teísta, reconhecido como uma escola ortodoxa da religião hindu. A matéria primordial e a alma são não criadas e indestrutíveis. O karma governa os assuntos do homem — o renascimento é uma consequência de atos passados. Salvação é fuga da reencarnação. O conhecimento do sofrimento e das suas causas é o caminho para a libertação. Uma vez que o carma determina as possibilidades de vida de cada um, a oração de súplica (muitas vezes uma característica fundamental na adoração em outras religiões) é evitada. Todas os conceitos de divindade são rejeitados — uma religião ateísta.	Não existe crença num Ser Supremo.	Não.
O Jainismo	Uma divisão do hinduísmo. Carma: elementos estranhos de carma sobrecarregam a alma. O esquema jainista das coisas não deixa espaço para um Deus criador. Os grandes professores não são considerados divinos, nem há aí uma revelação divina. O jainismo é em essência um sistema ateísta. Os «Devas» (semideuses) são reconhecidos, mas não determinam o destino do homem e não são adorados. O meio de salvação (superando os renascimentos) é a prática de uma ética asceta, que liberta a alma e anula o carma.	Não existe o Ser Supremo. A lei de causa e efeito é o princípio fundamental da vida. Os devas locais não são adorados.	Não.

AS CONFISSÕES RELIGIOSAS	SUMÁRIO DE PRÁTICAS E CRENÇAS	CRENÇA NUM SER SUPREMO?	A ADORAÇÃO DE ACORDO COM OS CRITÉRIOS DE SEGERDAL?
Taoísmo	Operando entre populações chinesas ao lado do Budismo, dos antigos cultos e do sistema ético do confucionismo, o Taoísmo promove um cosmogonia religiosa, organiza festividades no templo, fornece ritos de passagem. Os seus ensinamentos místicos abarcam um complexo universo de seres espirituais e mestres celestiais que reinam sobre o céu, a terra e o homem.	Creem em várias entidades místicas num esquema cósmico complexo mas sem um Ser Supremo como tal.	Não há correspondência direta.
Budismo Theravada	A lei universal das questões de causa e efeito no carma: suceder-se-ão renascimentos intermináveis a menos que o indivíduo se liberte tornando-se esclarecido em relação ao sofrimento. Não é postulado nenhum criador ou deus salvador. A salvação é alcançada por meios impessoais, atingindo desapego total e daí obediência a um código de ética, em vez da realização de rituais, e constitui o meio de transcender a experiência mundana e o mundo material.	Não existe o Ser Supremo. Os devas estão sujeitos ao mesmo sistema de renascimento que os seres humanos.	Não.
Budismo Nichiren	Este ramo do budismo (Nichiren nascido no Japão em 1222) diz respeito a encarnações subsequentes do Gautama Buda como tendo transcendido o esclarecimento que ele trouxe. A verdade fundamental está encapsulada no <i>Lótus Sutra</i> , cuja mera invocação é suficiente para liberar a totalidade de benefícios para os crentes. Os budas reencarnados não são deuses, são apenas os veículos através dos quais a iluminação progressiva pode ser alcançada. Todos os leigos têm a possibilidade de alcançar o estado de perfeita iluminação de Buda, sendo a felicidade neste mundo um direito seu.	Não. O universo é regulado pela lei impessoal de causa e efeito — o carma, como experimentado pelos seres humanos.	Não.

AS CONFISSÕES RELIGIOSAS	SUMÁRIO DE PRÁTICAS E CRENÇAS	CRENÇA NUM SER SUPREMO?	A ADORAÇÃO DE ACORDO COM OS CRITÉRIOS DE SEGERDAL?
Quakers (Sociedade dos Amigos)	Ênfase especial na «luz interior» (a voz da consciência). Não existe ritual, obediência, súplica, nem declaração de credo formalmente aprovada. As reuniões assumem a forma de meditação coletiva. Não é exigido acreditar num Ser Supremo, apesar de tal entidade não ser negada e muitos acreditarem nele.	Um Ser Supremo pode ser reconhecido, mas o espírito de Quakerism opõe-se a hierarquia e a soberania.	Não.
Ciência Cristã	O homem é puramente um ser espiritual e o mundo material é ilusório, a sua realização sustenta a cura física e até mesmo a imortalidade. Estas ideias são atribuídas a Jesus, que não era Deus, mas sim um homem e um exemplo. Aqui há crença em Deus, que é frequentemente referido em termos cristãos convencionais como um deus antropomórfico, mas mais distintivamente por meio de sinónimos, Mente, Alma, Espírito, Princípio, Vida, Verdade, Amor, não sendo as disposições para com nenhum deles expressas em linguagem tradicional realmente apropriada. A Senhora Eddy (fundadora nascida em 1820) disse que o «serviço divino» deve significar boas ações diárias e não adoração pública.	Aqui há crença num Ser Supremo.	Apenas consenso parcial.
Unitários	Rejeitam a doutrina da Trindade e procuram congruência de religião e razão. Permissivos em relação a credos, doutrina, autoridade bíblica e formas litúrgicas, os Unitários tendem a salientar os compromissos éticos em detrimento da obrigação de rituais. Alguns Unitários são declaradamente agnósticos ou mesmo ateus.	A crença num Ser Supremo não é exigida e muitos Unitários não acreditam num Ser Supremo.	Não.

A APLICAÇÃO DOS CRITÉRIOS SEGERDAL NA SCIENTOLOGY DOS NOSSOS DIAS

- 15 Independentemente do caso em 1970 na altura da decisão *Segerdal*, os membros da Igreja de Scientology atualmente reúnem-se em congregação tanto para serviços ocasionais de ritos de passagem (nomeadamente, cerimónias para crianças, casamentos e funerais) como para serviços religiosos semanais regulares, e estes serviços são serviços de culto religioso de acordo com os critérios estabelecidos em *Segerdal*.
- 16 Há um ministério regular em cujas mãos se encontram os preparativos dos serviços e a sua realização de acordo com os regulamentos da Igreja, que são o equivalente às regras de fé e ordem nas congregações cristãs.
- 17 Os serviços são decorosos e dignos. O estado de ânimo predominante é expressivo e extrovertido, em consonância com a orientação positiva e otimista dos ensinamentos de Scientology.
- 18 Na decisão de *Segerdal*, pressupunha-se que o culto religioso geralmente incluía invocação de e submissão a um objeto que é venerado; louvor desse objeto, ser ou entidade; súplica, intercessão e afirmação de ação de graças. Estas atitudes são evocadas nos adoradores por meios diversos em várias religiões, mas tipicamente na forma de afirmações verbais de crença, através da participação em atos rituais e pela receção de vasos simbólicos de capacitação de poder (i.e. o pão e o vinho da comunhão no serviço cristão).
- 19 Os serviços de Scientology começam com a leitura do Credo da Igreja, que é a declaração dos direitos do homem. Uma leitura superficial poderá sugerir que este credo não estabeleceu o critério primário das características de adoração estabelecidas na decisão de *Segerdal* por Buckley LJ, nomeadamente a existência de um objeto de adoração a que os crentes se submetam. Uma leitura mais atenta torna evidente que o credo, embora não afirme formalmente a existência de Deus nem declare a sua supremacia sobre todos os outros seres humanos, na verdade aceita a sua existência como verdadeira. Ao asseverar que «nenhuma entidade inferior a Deus tem o poder de suspender ou desprezar estes direitos [humanos]», há um reconhecimento implícito de Deus e da sua supremacia, a que a humanidade está sujeita.
- 20 O Serviço Dominical inclui oração e termina sempre com uma oração fixa. O foco da oração está na liberdade humana, e suplica-se e apela-se a Deus que conceda liberdade

de guerra, pobreza e carência, bem como que permita a plena expressão dos direitos humanos. Assim, esta é uma oração de intercessão. Pede-se a Deus que interceda para estabelecer a justiça moral e as condições em que o homem possa realizar o seu potencial. A oração intima Deus na sua frase final: «permita Deus que assim seja».

CONCLUSÃO

21 Tendo em conta que os scientologists acreditam num Ser Supremo e que os seus serviços congregacionais incluem expressões de respeito e reverência por esse Ser Supremo, e que procuram a intercessão desse Ser Supremo através da oração, concluo que os serviços de Scientology, atualmente, vão ao encontro dos critérios rígidos da adoração estabelecidos no caso de *Segerdal* — mesmo que os serviços de algumas congregações religiosas grandes e universalmente aceites não satisfaçam estes critérios.

BRYAN RONALD WILSON

8 de fevereiro de 2002

Oxford, Inglaterra

BRYAN RONALD WILSON

Bryan Ronald Wilson é o Leitor Emérito em Sociologia, na Universidade de Oxford. De 1963 a 1993, ele também foi um membro do All Souls College, e em 1993 foi eleito Membro Emérito.

Durante mais de quarenta anos conduziu pesquisa sobre movimentos religiosos minoritários em Inglaterra e no exterior (nomeadamente nos Estados Unidos, Gana, Quênia, Bélgica e Japão). O seu trabalho envolve leitura das publicações destes movimentos e, sempre que possível, convivência com os seus membros nas respetivas reuniões, serviços e casas, bem como avaliação crítica das obras de outros eruditos.

Ele tem os Graus de Bacharel (Econ), Doutorado pela Universidade de Londres e Mestrado da Universidade de Oxford. Em 1984, a Universidade de Oxford reconheceu o valor da sua obra publicada conferindo-lhe o grau de Doutor em Literatura. Em 1992, a Universidade Católica de Lovaina, Bélgica, agraciou-o com o grau de Doutor Honoris Causa.

Em 1994, foi eleito Professor da British Academy.

Em várias ocasiões, teve também as participações seguintes:

Membro de Fundos para a Comunidade (Fundação Harkness) na Universidade da Califórnia em Berkeley, Estados Unidos, 1957-8;

Professor Convidado, Universidade do Gana, 1964;

Membro do American Counsel of Learned Societies, na Universidade da Califórnia, em Berkeley, nos Estados Unidos, 1966-7;

Consultor de pesquisa em Sociologia, Universidade de Pádua, Itália, 1968-72;

Membro Convidado da The Japan Society, 1975;

Professor Convidado, Universidade Católica de Lovaina, Bélgica 1976, 1982, 1986, 1993;

Professor Convidado Snider, Universidade de Toronto, Canadá, 1978;

Professor Convidado na Sociologia da Religião, e Consultor para Estudos Religiosos, na Universidade Mahidol, Bangucoque, Tailândia, 1980-1;

Professor Convidado Scott, Faculdade de Ormond, Universidade de Melbourne, Austrália, 1981;

Professor Convidado, Universidade de Queensland, Austrália, 1986;

Ilustre Professor Convidado, Universidade da Califórnia, Santa Barbara, Califórnia, EUA, 1987;

Professor Convidado, Universidade Soka, Hachioji, Japão, 1997;

Durante os anos de 1971-5, foi presidente da Conférence Internationale de Sociologie Religieuse (a organização mundial para a disciplina); em 1991, foi eleito Presidente Honorário desta organização agora chamada Société Internationale de Sociologie des Religions.

Membro do Conselho da Sociedade para o Estudo Científico da Religião (EUA) 1977-9;

Durante vários anos, Editor Associado Europeu, *Journal for the Scientific Study of Religion* (*Jornal para o Estudo Científico da Religião*);

Durante seis anos, Editor da *The Annual Review of the Social Sciences of Religion* (*A Recensão Anual das Ciências Sociais de Religião*).

Deu conferências sobre movimentos religiosos minoritários em Inglaterra, Austrália, Bélgica, Canadá, Japão, e Estados Unidos, e ocasionalmente na Finlândia, França, Alemanha, Itália, Países Baixos, Noruega e Suécia.

Foi convocado a testemunhar na qualidade de perito sobre seitas em tribunais na Grã-Bretanha, França, Grécia, Holanda, Nova Zelândia e África do Sul e forneceu elementos de prova, sob juramento, para tribunais na Austrália, Letónia, Rússia, Espanha e em França. Também foi chamado a fornecer elementos de prova por escrito, na qualidade de perito, sobre movimentos religiosos para o Parliamentary Home Affairs Committee of the House of Commons (Comité de Assuntos Parlamentares da Casa dos Comuns).

Entre outras obras, publicou onze livros dedicados na totalidade ou em parte aos movimentos religiosos minoritários:

Sects and Society: the Sociology of Three Religious Groups in Britain (Seitas e Sociedade: a Sociologia de Três Grupos Religiosos na Grã-Bretanha), Londres: Heinemann, e Berkeley: University of California Press, 1961, reimpresso, Westport, Connecticut, EUA: Greenwood Press, 1978

Patterns of Sectarianism (Padrões de Sectarismo) (editado) Londres: Heinemann, 1967

Religious Sects (As Seitas Religiosas), Londres: Weidenfeld and Nicholson, Nova Iorque: McGraw Hill, 1970 (também publicado em francês, alemão, espanhol, sueco e japonês)

Magic and the Millennium (A Magia e o Millennium), Londres: Heinemann, Nova Iorque: Harper and Row, 1973

Contemporary Transformations of Religion (Transformações Contemporâneas da Religião), Londres: Universidade de Oxford Press, 1976 (também publicado na tradução em italiano e japonês)

The Social Impact of the New Religious Movements (O Impacto Social dos Novos Movimentos Religiosos) (editado) Nova Iorque: Rose of Sharon Press, 1981

Religion in Sociological Perspective (A Religião numa Perspetiva Sociológica), Oxford: Clarendon Press, 1982 (também publicado na tradução em italiano, romeno e búlgaro. Tradução japonesa em preparação)

The Social Dimensions of Sectarianism (As Dimensões Sociais do Sectarismo),
Oxford: Clarendon Press, 1990

A Time to Chant: the Soka Gakkai Buddhists in Britain (Um Tempo para Entoar: os
Budistas Soka Gakkai na Grã-Bretanha), [com K. Dobbelaere] Oxford: Clarendon
Press, 1994 (tradução japonesa, 1997)

New Religious Movements; Challenge and Response (Novos Movimentos Religiosos:
Desafio e Resposta), [coeditado com Jamie Cresswell] Londres: Routledge, 1999

Global Citizens: The Soka Gakkai Buddhists in the World (Cidadãos Globais: Os
Budistas Soka Gakkai no Mundo), [coeditado com David Machacek] Oxford:
Clarendon Press, 2000

Também contribuiu com mais de trinta artigos sobre movimentos religiosos minoritários para trabalhos publicados e jornais eruditos na Grã-Bretanha, Bélgica, Croácia, França, Alemanha, Índia, Japão, Noruega, Suíça e Estados Unidos. Também escreveu artigos para a *Encyclopaedia Britannica*; a *Enciclopédia das Ciências Sociais*; a *Enciclopédia da Religião*, *Encyclopédie des religions* (Paris) e *Enciclopedia Italiana* (Roma).

Entre os movimentos que ele se dedicou a pesquisar encontra-se a Igreja de Scientology. Ele não é, nem nunca foi, membro dessa Igreja ou de qualquer das suas organizações filiadas. A sua pesquisa foi conduzida de acordo com os princípios de objetividade imparcial e neutralidade ética segundo a tradição académica das ciências sociais.

